

Galvêas assegura: o Brasil não desiste

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, garantiu ontem que o governo brasileiro não desistiu de continuar pedindo aos bancos estrangeiros o restabelecimento das linhas de crédito interbancários. "Nós não podemos desistir de coisa nenhuma" — afirmou, referindo-se à notícia sobre os problemas do Projeto 4 de rolagem da dívida externa.

Mas do diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, admitiu que continuam os problemas tanto no Projeto 4 (crédito interbancário em agências de bancos brasileiros no exterior) quanto no Projeto 3, relativo ao restabelecimento das linhas de crédito comercial de curto prazo ao País. "As dificuldades continuam, mas nós esperamos que elas não se perpetuem". — disse Serrano.

Tanto Galvêas como Serrano fizeram estas declarações logo

após o almoço oferecido no Ministério da Fazenda ao presidente do Banco de Montreal, William D. Mulholland, cuja instituição participa dos quatro projetos de rolagem da dívida brasileira. O banqueiro não quis falar — por insistência do seu representante no Brasil, Pedro Leitão da Cunha — mas prometeu dar entrevista amanhã (31) para explicar sua posição frente aos problemas brasileiros.

"No almoço só discutimos aquela coisa de sempre, generalidades sem nada específico" — tentou justificar Madeira Serrano, à saída da Fazenda, antes de repetir que não tem o menor fundamento os rumores sobre uma iminente moratória no mês de junho, que muitos apontam como decorrência dos atrasos nos pagamentos brasileiros ao exterior. Na semana passada o diretor do Banco Central disse que estes atrasos es-

tavam em torno de US\$ 800 milhões, mas até o final de junho — pelo que informaram as autoridades da área econômica — esta soma deverá chegar a US\$ 1,7 bilhão, pelo menos.

Mesmo assim o ministro Ernane Galvêas não acha que esteja havendo uma nova crise de falta de credibilidade do Brasil aos olhos da comunidade financeira internacional. Reagindo à matéria da revista *Veja*, que cita o francês Ives Laulan como dizendo que "o Brasil tem uma enorme capacidade de contar balelas a si e a nós", o ministro foi categórico: "Primeiro ele não é banqueiro, e segundo, veja as outras coisas que ele tem falado sobre o Brasil, que são a favor" — respondeu Galvêas.

Na realidade Ives Laulan é o conselheiro econômico do *Societe Generale*, o maior banco francês, estatal como o Banco do

Brasil. Na matéria da revista, a novidade em relação ao que tem saído na imprensa é principalmente a opinião de vários banqueiros, em diversos países, sobre a atual crise econômica brasileira. O próprio William D. Mulholland — que esteve também com o presidente João Figueiredo — afirma na matéria que seu banco está disposto a manter o fluxo de recursos para o Brasil, "mas o que não posso aceitar é que estes recursos sejam usados para pagar aos bancos pequenos que estão pulando fora".

Até agora estes bancos — que não são apenas os pequenos — ainda não se mostraram dispostos a discutir diretamente com o Banco Central sua retirada dos projetos 3 e 4. O diretor Madeira Serrano assegurou ainda ontem que nem o *Deutsch Bank* — que recusa-se, juntamente com outro grande que é a União

de Bancos Suíços, a participar do Projeto 4 — nem outros estabelecimentos europeus marcaram reuniões em sua agenda.

O toque diferente no almoço aos banqueiros no Ministério da Fazenda ficou por conta da ausência do presidente do Banco

Central, Carlos Langoni, cuja participação estava programada desde cedo em sua agenda. Durante boa parte da tarde seus assessores garantiam que ele estava mesmo na Fazenda, mas isso não era verdade — e tudo indica que Langoni esteve envolvido com problemas mais imediatos. De qualquer forma, o diretor Madeira Serrano disse que Langoni não foi ao almoço apenas porque tinha "outros compromissos", não dando crédito às informações nãoconfirmadas de que estaria havendo divergências entre Galvêas, Langoni e o ministro Delfim Netto, do Planejamento.